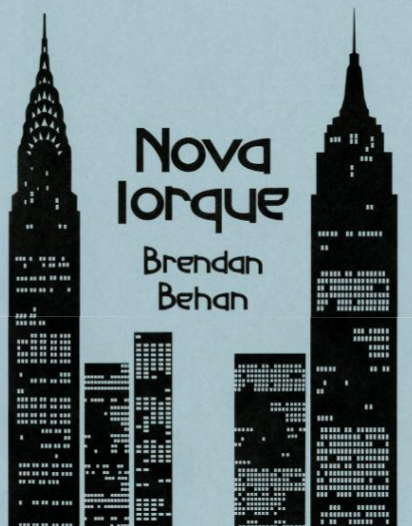


VIAJAR NA LITERATURA

"Depois de ter estado em Nova Iorque, qualquer pessoa que regressa a casa dar-se-á conta de que o seu lugar de origem é bastante escuro". É assim, de forma clara, directa, apaixonada, muitas vezes ebria, que Brendan Behan descreve a cidade norte-americana em *Nova Iorque*. Um livro em forma de monólogo escrito por um homem que foi poeta, romancista, dramaturgo e... alcoólico. Ele próprio se definiu como "um alcoólico com problemas de escrita", característica que o levou a uma morte prematura mas que é igualmente responsável por alguns dos momentos altos da sua obra, arrastando-nos consigo até muitos dos bares menos convencionais da *big apple*. No prefácio, o escritor espanhol Enrique Vila-Matas conta mesmo que o livro não foi escrito, mas sim ditado (nos corredores do Hotel Chelsea), uma vez que "Behan já andava por esses dias espectacularmente bêbado". Editado pela Tinta da China, insere-se na Coleção Literatura de Viagens, coordenada pelo jornalista Carlos Vaz Marques. Da mesma colecção constam os títulos *Caderno Afegão*, de Alexandra Lucas Coelho; *Disso-me um Adivinho*, de Tiziano Terzani; *O Japão é um Lugar Estanho*, de Peter Carey; *Morte na Pérsia*, de Anemarie Schwarzenbach; *Paris*, de Julien Green; *Uma Ideia da Índia*, de Alberto Moravia, e *Veneza*, de Jan Morris.



ções de vulcões que espalham cinza pela Europa. Como escreveu Will Durant (citado pelo autor), a civilização existe por consentimento geológico sujeito a alteração sem aviso prévio. Hamblin acrescenta: "Os verdadeiros culpados têm sido sempre a má administração cívica e ecológica."

LUÍS M. FARIA



NOVA IORQUE
Brendan Behan



Tinta da China, 2010, trad. de Rita Graña. 152 págs., €16,20

ENSAIO Uma escrita de nos deixar sem fôlego sobre a cidade que não dorme.

IMAGINE um combate de boxe transposto para o papel. Imagine o saltitar rápido dos pés, o bailado das mãos, os golpes assestados no adversário. Traduza isso em palavras, frases, parágrafos, episódios curtos e velozes. Se conseguir imaginar isso, ficará com uma pequena ideia do que é "Nova Iorque", o livro de Brendan Behan que em abençoada hora Carlos Vaz Marques leu e a Tinta da

China editou. Brendan Behan (1923-1964), irlandês daquela colheita que deu bêbedos famosos e escritores extraordinários, é um ficcionista das margens, dos que além de ficcionistas foram aventureiros e provaram de tudo o que a vida teve para lhes ensinar, antes de terem sido inventadas as escolas de escrita criativa. Filho de uma família pobre de republicanos, mais tarde militante do IRA, decidiu-se pelas letras durante um dos seus périplos pelas prisões. Foi poeta, dramaturgo, memorialista e contista. Apesar do relativo sucesso junto do público e da crítica que conheceu em vida (ou também por isso), o alcoolismo acabaria por vencê-lo precocemente, aos 41 anos. "Nova Iorque", o título agora editado entre nós, é uma viagem literária electrizante por uma cidade eléctrica. Com pequeno prefácio de Enrique Vila-Matas, o livro organiza-se de modo algo caótico (o que é uma virtude), transborda de pequenas histórias, e o humor, esse é a rodos. Transporta-nos a lugares (bares) onde nunca entraremos mas que, como escreve Vila-Matas, nos deixam (inexplicavelmente) cheios de saudades, e apresentam-nos a personagens com quem (maioritariamente) também gostaríamos de ter tomado um copo. Talvez o livro de Brendan Behan seja sobre uma cidade que já não existe (embora muitos dos lugares de que ele fala ainda existam — incluindo o Hotel Chelsea, onde "Nova Iorque" foi escrito). Apesar disso, a *big apple* continua a ser um dos locais mais fascinantes do mundo. E isso também se deve de certeza ao facto de ter acolhido gente como Brendan Behan, capaz de escrever assim: "Não faz sentido falar de homossexualidade como se fosse uma doença. Já vi pessoas com homossexualidade, tal como já vi pessoas com tuberculose, e não há qualquer tipo de semelhança. A minha atitude em relação à homossexualidade é muito semelhante à daquela mulher que, aquando do julgamento de Oscar Wilde, disse que não se importava com o que faziam, desde que não o fizessem na rua e não assustassem os cavalos." Isto já não há!

ANA CRISTINA LEONARDO



Brendan Behan 'Um alcoólico com problemas de escrita'

Brendan Behan NY fora de horas

Os bons espíritos reencontram-se, já se sabe, por isso não espanta que seja Enrique Vila-Matas a assinar o prefácio de *Nova Iorque*, de Brendan Behan, o novo volume da preciosa colecção de Viagens da Tinta-da-china, dirigida por Carlos Vaz Marques. É que entre o escritor espanhol e o irlandês, que viveu a maior parte da vida na América, há a mesma sedução pelas histórias que as cidades escondem. Pelos pequenos mistérios que só a vivência plena, sem reservas, consegue desvendar. Hotéis míticos, bares sempre abertos, pequenas salas de espectáculos, segredos bem escondidos, coreografias urbanas e um infundável corpo humano que resumem o espírito de cada lugar. Os dois são dotados desse apurado sentido arqueológico que usam não para desbravar a quietude do passado, mas para surpreender a efervescência do presente. Vê-los juntos no mesmo volume é conciliar o melhor de dois mundos. A força de quem escreve. E a argúcia de quem lê.

O interesse de Vila-Matas em Brendan Behan é fácil de explicar. O autor das peças de teatro *The Hostage* ou *Richard's Cork Leg* é daquelas figuras míticas de que é feita a marginalidade literária. Nasceu em 1923 e morreu em 1964, mas nenhuma biografia é capaz de abarcar a multiplicidade das suas aventuras, algumas passadas no Hotel Chelsea, outro lugar de peregrinação literária onde sempre encontrou refúgio. Bebia excessivamente, tal como vivia sem travões, a acelerar pelas ruas e pelos pontos de encontro. Pertencia àquele contingente de irlandeses que gostava de Dublin à distância de quatro mil quilómetros, do outro lado do Atlântico. Emigrou, não sem antes ter pertencido na juventude ao IRA, o que acabou por resultar em prisão, como lembra no romance

autobiográfico *Borstal Boy*. No seu jeito bem mordaz, definia-se como «um alcoólico com problemas de escrita». Sempre tentou ver o mundo ao contrário. Descobrir-lhe um ponto de vista particular.

Nova Iorque, segundo apuro Vila-Matas, foi escrito num dos corredores do Hotel Chelsea, já no final da vida. Aliás, corrige no prefácio o autor de *Diário Volível*, «o livro foi ditado, não foi escrito, porque Behan já andava por esses dias espectacularmente bêbado». Talvez esta informação explique o carácter errático da obra, que deambula por temas, num encadeado de histórias sem rumo. O tom é coloquial, à medida que inventaria espaços, episódios, pessoas e escritores, numa galeria de memórias que revelam a essência da cidade que nunca dorme. «Não tenho qualquer receio em afirmar que Nova Iorque é a mais magnânima cidade à face deste mundo de Deus», diz Brendan Behan. E com este livro, de inebriante leitura, contribuiu para o seu mítico estatuto. O melhor mesmo será começar a espalhar a notícia. Porque, como canta Frank Sinatra, «I'm leaving today. I want to be a part of it...»

LUÍS RICARDO DUARTE



Brendan Behan
NOVA IORQUE
Tradução de Rita Graña,
Tinta-da-china, 152 pp, 16,20 euros

! Livros



Curso

“Aulas da Primavera” é o nome do curso livre de Estudos Avançados de Literatura promovido pelo Laboratório de Estudos Literários da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

Lisboa que começa a 9 de Abril e termina a 7 de Junho. António Feijó (“a produção da evidência”), Rosa Maria Martelo (“presenças do cinema na poesia moderna e contemporânea”), Pere Ferre (“noção tradicional de literatura tradicional”), Manuel Gusmão (“fronteiras da

modernidade estética”), Clara Rowland (“a carta no cinema”), Osvaldo Silvestre (“o caso Fernando Pessoa”) e Clara Rocha (“questões da literatura autobiográfica”) são os professores. Mais informações em <http://aulasdaprimavera.blogspot.com/>.

Crónicas

Lanterna mágica

Crónicas inactuais que transformam ideias em imagens e imagens em memórias. **Pedro Mexia**

Crónicas: Imagens Proféticas e Outras

João Bénard da Costa
Assírio & Alvim

★★★★★



A actualidade perde rapidamente a sua actualidade. Nada disso acontece com as crónicas que João Bénard da Costa escreveu para o PÚBLICO na

última década, textos densos, extensos, cultos e inactuais. Ou, se quiserem, intemporais, embora obcecados com o tempo.

Depois dos “anos Independente” (cinema e memórias), os “anos PÚBLICO” foram dedicados às outras artes e às imagens trazidas de uma vida inteira. Como é que se transforma uma ideia numa imagem? E como se transformam imagens em memória? Eis o programa do cronista.

Este primeiro de quatro volumes, organizado por Lúcia Guedes Vaz e correspondente aos anos 2002-2003, tem uma imagem primeira, onde tudo começa: o livro de capa verde que João recebeu em 1943, um álbum com reproduções de quadros célebres. Essa cena inicial não é apenas uma recordação, é um fascínio reavivado a cada momento. Pois estas crónicas são em grande medida uma pinacoteca pessoal em que o JBC visita os museus onde estão esses e outros quadros, acrescentando à aura da memória a aura da

presença. Viagens a várias paragens europeias, mas sobretudo uma continua “viagem a Itália”. A Itália é a civilização europeia no seu apogeu, um manancial de imagens e narrativas que vêm da poesia e da pintura e chegam ao cinema. Daqui que esta edição seja ilustrada com algumas dessas imagens que o texto comenta.

Em Bolonha, em Nápoles, em Milão, em Lecce, em Rimini, o mesmo deslumbramento: museus, igrejas, torres, arcadas, palácios. Existe uma voracidade artística nestes textos, um colecionismo estético: “(...) a Arca de São Domingos, o Cimabue de Santa Maria dei Servi, o Uccello ou o Francia de San Martino, os frescos do Oratório de Santa Cecilia, o Compianto de Santa Maria della Vita ou, sempre de Nicolò dell’Arca, aquela águia joanina que domina a igreja do Apóstolo (...)” (pág. 13). Mas que ninguém confunda isto com turismo, porque se trata de uma visita demorada, intimista, sempre à procura de segredos e de enigmas subjectivos, embora partilháveis.

As andanças europeias de Bénard da Costa, quase sempre em volta da pintura e da ópera, traçam dele um retrato aristocrático e renascentista. Elitista hedonista, Bénard não dá sinais de má consciência de classe. Bem pelo contrário. Muitas das crónicas retratam uma “doçura de viver” que se consubstancia nas viagens artísticas. E nos seus autores, que, diz, são Mozart, Musil, Mizoguchi, Ray, Agustina, Sophia, Kierkegaard, Fichte, Jaurés ou Mounier. Mas também Oliveira, Ticiano, Sena, tantos, aqueles a quem chama, marca sua, “inadjectiváveis”, mas que depois descreve e adjectiva.

Esse regresso, Europa fora, ao livro verde da infância, também se dá, em casa, com um paraíso privado: a Arrábida. Éden selvagem, escondido, meio mata, meio praia, e onde se vive uma perpétua juventude, como se se habitasse a nostalgia: “Passava-se isto a 40 Km de Lisboa? Passava. Havia um imenso areal branquíssimo, a Pedra da Adinha, o melhor peixe do mundo, as lapas profundas e escuras, na serra e no mar, capelas e fontes, atalhos infundáveis (...)” (pág. 22). A Arrábida é também o lugar da família, e motiva uma defesa da narrativa como genealogia, como se a família fosse o princípio e o fim de todas as histórias, porque é a corrente de transmissão através dos tempos.

O tempo, precisamente, é a nota mais angustiante, e às vezes apocalíptica, destes textos, que aliás se adensa nas crónicas mais tardias. Porque se o tempo é uma questão de melancolias juvenis, fotos antigas reencontradas, de um reacção cultural sarcástico, a passagem do tempo também traz as

suas devastações. São vários os retratos dos amigos desaparecidos aqui recolhidos, e o culto das “grandes amitiés” serve a Bénard para vincar aquele discurso geracional que sempre foi o seu, o testemunho dos “vencidos do catolicismo”. Mas há também intimações da própria mortalidade, que tornam certas crónicas elegíacas, terríveis, herméticas, oníricas ou devotas. “Acabo sempre na metafísica”, confessa, e o regresso fulgurante ao catolicismo é apenas uma das manifestações disso, porque outras vezes parece haver pouca esperança, uma vertigem eliotiana de fins e princípios e do escuro mistério de tudo. São textos “pré-póstumos”, e já o sabíamos quando ainda não sabíamos que JBC estava no fim da vida.

Estas imagens são proféticas porque dizem mais do que mostram, embora mostrem aquilo que delas dizemos. É preciso encontrarmos o seu significado, o nosso significado. Quase sempre textos da visão, estas visões são proféticas porque existem num tempo subjectivo diferente do objectivo, como sugere José Tolentino Mendonça no prefácio. Um tempo futuro ou futurível. A prosa de Bénard, distinta, erudita, imaginosa, é uma narrativa em que as imagens se fazem profecias. Como em uma lanterna mágica.

Ficção

Nova Iorque: a minha Irlanda privada

Nova Iorque por um irlandês e por desgovernadas iluminações étlicas. **Rui Catalão**

Nova Iorque
Brendan Behan
(Trad. de Rita Graña)
Tinta da China

★★★★☆

Brendan Behan (1923-1964) não escreveu este livro sobre



Nova Iorque - ditou-o. E, de acordo com Enrique Vila-Matas, que assina o curto prefácio, “ditou-o espectacularmente bêbedo”.

Porventura já aconteceu ao sóbrio leitor encontrar-se num carro conduzido por um “bêbedo”? As intenções dele são ínvias. Mesmo quando conduz a direito fá-lo por caminhos tortos. É assim que Brendan Behan nos conduz por Nova Iorque - por desgovernadas iluminações étlicas. Está o leitor pacato no Irish Club de Londres, a ouvir falar de aulas em irlandês (que é como o autor chama a gaeilic) e num súbito acto de magia aterra no Central Park! As suas diversões - “algumas das quais são de graça” - não evitam que dê outro pulo, no mesmo parágrafo, até ao jardim zoológico da sua cidade natal, Dublin: “São lá criados leões que, posteriormente, são exportados para jardins zoológicos de todo o mundo”.

Uma anedota da infância de Behan conta que depois de ser acusada de “deformar” o filho, a mãe dele respondeu que o filho não estava deformado, o que ele estava era bêbedo. O próprio Behan (pg. 115) recorda que a avó lhe deu a provar uísque aos seis anos, com o argumento que quem bebe em pequeno aborrece em adulto. “Brendan Behan’s New York” (1964) é o título original deste livro, em que o autor disputa o protagonismo com a sua cidade favorita, antes de logo a seguir terminar a sua curta vida e carreira tal como a iniciou: sob o efeito do álcool.

Quem se lembra do cantor Shane Macgowan e dos seus Pogues não terá grande dificuldade em imaginar a ascensão mediática deste seu compatriota e precursor: ambos beneficiaram dos escândalos

causados por gloriosas bebedeiras. O primeiro sucesso da sua carreira, a peça “The Quare Fellow” (1954), aconteceu depois de ser entrevistado num programa de televisão em que apareceu embriagado. →



Brendan Behan: não há uma descida aos infernos, antes um ziguezaguear por anedotas pessoais

A prosa de Bénard, distinta, erudita, imaginosa, é uma narrativa em que as imagens se fazem profecias - como em uma lanterna mágica



Simpósio



O simpósio “**Ler ‘Sinais de Fogo’ - Homenagem a Jorge de Sena**” realiza-se no dia 27, no Casino Figueira da Foz. A cidade é o cenário do romance de Jorge de Sena que foi publicado há 30 anos. A conferência inaugural sobre “Realismo e poesia em ‘Sinais de

Fogo’ de Jorge de Sena” será feita por Jorge Vaz de Carvalho e haverá debates sobre “o romance e a História” e sobre a poesia em “Sinais de Fogo”. Participam os académicos Jorge Fazenda Lourenço, Fernando Cabral Martins, José Carlos Seabra

Pereira, entre outros. Além do filme que adapta esta obra ao cinema, realizado por Luís Filipe Rocha, poderá ser vista a exposição “Sinais de Fogo na Figueira” do fotógrafo Alfredo Cunha. A inscrição no simpósio é obrigatória mas é gratuita.

◀ Até morrer, aos 41 anos, o álcool foi o fuel da sua criatividade, assim como do circo mediático que lhe deu fama e trabalho. Disse Behan: “à excepção dos obituários, não existe má publicidade”.

“Nova Iorque” é o primeiro livro de Behan em português, numa tradução de Rita Graña. É um começo pelo fim. O autor já não conseguia escrever e limitou-se a gravar monólogos para um gravador durante a sua última estadia no Chelsea Hotel. Não estamos perante uma variação de “Debaixo do Vulcão”, de Malcolm Lowry. Nem pela elaboração, nem pela densidade. Fisicamente o estado de Behan podia ser terminal, mas o estado mental deste guia subjectivo de Nova Iorque assemelha-se mais a uma borracheira divertida.

É uma embriaguês, digamos assim, horizontal: não há uma descida aos infernos, antes um zigzagaguear por anedotas pessoais, que lhe vão ocorrendo em associações involuntárias. As associações involuntárias são o que este livro tem de melhor. A verdadeira cartografia não é a da cidade, mas a dos pontos luminosos que acendem e apagam na sua mente, e que o autor vai ligando um pouco como quem recolhe moedas a tinir no passeio, sem se aperceber que as moedas caem do seu bolso.

Há um episódio hilariante (digno da melhor comédia “screwball”) que ocupa sete páginas do primeiro capítulo. É um círculo fechado desenhado sobre uma Nova Iorque que só a ele pertence (o episódio até acontece em Boston): uma rapariga de 18 anos filha de irlandeses interessa-se por conhecer um actor “muito famoso” e “deveras bem-educado”. Behan descansa o pai, preocupado com a virtude da filha, e apresenta-a ao actor, “um tipo velho” que “não se interessava muito por raparigas”.

A rapariga fica “em sarilhos”. Behan, convidado para ser júri num concurso organizado por uma fábrica de têxteis, decide falsificar os resultados e entregar à filha do seu amigo o segundo prémio, no valor de 3 mil dólares. Depois de convencer os restantes membros do júri, resta-lhe identificar a carta da rapariga, no meio de “pelo menos cinquenta mil”. Depois de encontrar a carta, escolhe mais duas e entrega as cartas eleitas por si à empresa organizadora: “Infelizmente para mim, o relações-públicas do departamento das importações leu as cartas e decidiu que a da minha menina merecia o primeiro prémio”. O primeiro prémio era uma viagem à Irlanda: “Ora, por mais que eu adore a minha terra natal, não é o género de lugar para onde se envie uma rapariga que precise de tratar dos seus assuntos”. O episódio termina numa viagem de comboio, a ensinar canções revolucionárias à sua

protegida (já livre de “sarilhos”, depois de ser assistida por um médico a troco de dois mil dólares), a fugir para Midtown e a “ponderar seriamente” em apanhar o avião no aeroporto JFK (outro irlandês!).

Um pouco à semelhança de um certo tipo de enviado-especial a sítios onde ocorreu uma calamidade, a quem interessa mais o sapato perdido entre os destroços de um seu compatriota do que a desgraça que se abateu sobre a população local, Brendan Behan transforma a Broadway num ponto de encontro entre irlandeses mais ou menos pícaros e chega mesmo a cruzar-se com um familiar! A deambulação por Greenwich Village não é menos toldada, com os cantores folk a serem depreciados a favor do talento musical dos seus familiares (e dele próprio!). Também alude à geração beatnik, a Kerouac e Ginsberg, mas em mais uma associação desopilante salta para Evelyn Waugh (um católico), para Beckett, para um actor irlandês com uma peça na Broadway chamada “The importance of being Oscar” [Wilde, outro irlandês], antes de fazer um encadeado de histórias entre Brooklyn e Bowery.

Brendan Behan, católico, antigo membro do IRA (foi preso várias vezes, acusado de acções terroristas), não gostava de viver no seu país dividido, mas encontrou em Nova Iorque o cenário que mais lhe convinha para destilar a sua Irlanda privada. “Nova Iorque”, o livro, é uma bebedeira feliz em que se sobrepõem duas ilhas: os luminosos pontos multicoloridos de Manhattan, em primeiro plano, sobre a monocromática e escura Irlanda, ao fundo.

A condição humana

Graças à sua formação de jornalista, Adiga tem observado com minúcia as grandes transformações operadas no seu país de origem. **Helena Vasconcelos**

Entre os Assassinos
Aravind Adiga
(trad. de Alice Rocha)
Editorial Presença

★★★★★

Em “Entre os Assassinos”, Aravind Adiga, o autor de “O Tigre Branco”, Prémio Booker 2008, constrói um microcosmos - a cidade imaginária de Kitter, algures entre Goa e Calcutte -, um espelho da Índia inteira, na sua variedade e



complexidade, e onde coloca personagens muito diferentes que se cruzam no fervilhante universo da metrópole e que reflectem, cada uma à sua maneira, as preocupações do autor, um indiano naturalizado australiano, oriundo de uma família culta e abastada que não renega a sua dívida para com Balzac, Salman Rushdie e outros escritores que se têm dedicado a analisar a condição humana.

Graças à sua formação de jornalista, Adiga tem observado com minúcia as grandes transformações operadas no seu país de origem, a sua subida vertiginosa como uma economia global, o seu património histórico, cultural e religioso e o “glamour”, entre o faustoso e o cómico, de Bollywood, que contrastam violentamente com a condição miserável dos habitantes dos bairros de lata mais populosos do mundo e com os conflitos sociais políticos, étnicos e religiosos. (Aliás, se as histórias de “Entre os Assassinos” fossem passadas para cinema poderiam surgir como um cruzamento entre “Quem Quer Ser Bilionário” de Danny Boyle e “A Cidade de Deus” de Fernando Meirelles.)

As narrativas centradas em lugares-chave da cidade - o mercado, a estação dos comboios, a redacção de um jornal, o cinema, o Colégio dos Jesuítas, etc. - desdobram-se em 14 histórias, ao longo de sete dias, no período delimitado pelo assassinato de Indira Gandhi, em 1984, e do seu filho Rajiv Gandhi, em 1991, dois episódios traumáticos da violenta história da Índia. Em cada história existe uma personagem principal - quase não há mulheres neste universo - que centra em si toda a acção e serve de “emblema” de uma determinada condição: o velho brãmane saudosista dos seus privilégios, os “hoyka” - a casta mais baixa, em tempos resgatada por Ghandi -, os Tamil, sempre em movimento migratório, os Muçulmanos e os Cristãos, misturam-se e desafiam-se, nem sempre pacificamente. Por exemplo, no Bunder, a zona do porto, maioritariamente muçulmana, são provocados motins para reforçar a solidariedade entre os praticantes dessa religião; Xerox, o homem que vende “Os Versículos Satânicos” pirateados e que já foi preso 21 vezes sente-se superior ao

pai porque a função deste era recolher os dejectos da cidade; um rapaz, rico mas sem estatuto social ou identidade, revoltado e dilacerado entre o pai brãmane e a mãe “hoyka”, torna-se bombista; um sexologista procura desesperadamente a cura para a Sida; quanto ao professor Mr D’Mello mostra o seu descontentamento - como muitas outras personagens - afirmando que “... outrora a Índia foi governada por três estrangeiros: a Inglaterra, Portugal e a França. Agora o seu lugar foi ocupado por três malfeteiros nativos: as Traições, as Incompetências e as Punhaladas nas Costas.” (pág.94).

Embora Adiga não fale directamente em política, esta está sempre presente, não só por referências pontuais - tropas que partem e que chegam, ameaças de bombas, notícias em jornais - mas, principalmente, porque chegam ao leitor as opiniões do indiano comum, do que deixa escapar um desabafo nas ruas, no barbeiro, entre amigos e conhecidos, nos locais onde o burburinho é tão audível e persistente como o som causado por um enxame. O passado e o presente fundem-se e confundem-se no dia a dia, na luta pela sobrevivência, nos ecos da época colonial, da independência e da separação traumática de 1947 que deu origem ao Paquistão, nas lutas entre facções rivais e entre religiões e credos. Dois temas fundamentais atravessam as histórias contidas neste livro, a corrupção que alastra e destrói como uma peste e o sistema de castas que continua a vigorar mesmo num Estado democrático. (Adiga chama a atenção para o facto de haver hindus de castas

mais baixas que se convertem ao islamismo e ao cristianismo - embora uma das personagens se lamenta por ter sido sujeita à disciplina dos Jesuítas que a fez abandonar a fé rapidamente - como forma de escapar a esse estigma.) Assim, estes dois cancos sociais e políticos - a que se acrescenta a confusão babelica das múltiplas línguas e dialectos falados - contribuem para travar o crescimento económico e educacional da Índia e continuam a provocar confrontos e tensões. A visão de Adiga reflecte a sua experiência directa e, principalmente, a influência de Salman Rushdie e de V.S. Naipaul. Este último, na sua famosa trilogia “An Área of Darkness”, “Índia: A Wounded Civilization” e “Índia: A Million Mutinies Now”, ostenta, tal como Adiga, uma atitude crítica em relação à forma de viver dos indianos, à burocracia e à corrupção enquanto reconhece o poder dos avanços civilizacionais e económicos. Mas o vitriolo e por vezes a comicidade das observações de ambos os autores não escondem a realidade complexa de um país vibrante, dinâmico, apostado no progresso mas ainda a braços com hábitos ancestrais, com a ignorância, com a pobreza e com uma História com a qual ainda não se reconciliou.

Entrevista

O diplomata realista

As virtudes da conversa: de Bush a Obama, da China ao Brasil, das Nações Unidas e os problemas climáticos a Portugal. **Carlos Gaspar**

Visão Global
José Cutileiro, Ricardo Alexandre
Prime Books

★★★★★



O Embaixador José Cutileiro acaba de publicar em livro - “Visão Global” - uma conversa com o jornalista Ricardo Alexandre, com quem faz um programa semanal na Antena 1. São raros os livros de entrevistas - Hubert Védrine, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, fez um com Dominique Moisi, investigador do Institut Français des



Aravind Adiga: um espelho da Índia inteira